



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA MULTICAMPI DE CIÊNCIAS MÉDICAS
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM ATENÇÃO
BÁSICA

TÁRSILA ESTEFÂNIA GOMES RODRIGUES

**PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE AMAMENTAÇÃO E INTRODUÇÃO
PRECOCE DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR**

**CURRAIS NOVOS/RN
2019**

TÁRSILA ESTEFÂNIA GOMES RODRIGUES

**PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE AMAMENTAÇÃO E INTRODUÇÃO
PRECOCE DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Especialista em Atenção Básica.

Orientador^a: Prof^a. Dr. Larissa Grace Nogueira Serafim de Melo

TÁRSILA ESTEFÂNIA GOMES RODRIGUES

**PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE AMAMENTAÇÃO E INTRODUÇÃO
PRECOCE DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Especialista em Atenção Básica.

Orientador^a: Prof^a. Dr. Larissa Grace Nogueira Serafim de Melo

Prof^a. Dr^a. Larissa Grace Nogueira Serafim de Melo- FACISA /UFRN (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Liliane Pereira Braga – EMCM/UFRN (Banca examinadora)

Prof^a. Ms. Ádala Nayana de Sousa Mata – EMCM/UFRN (Banca examinadora)

Currais Novos/RN, 25 de Fevereiro de 2019

PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE AMAMENTAÇÃO E INTRODUÇÃO PRECOCE DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR

Társila Estefânia Gomes Rodrigues¹
Larissa Grace Nogueira Serafim de Melo²

RESUMO

Introdução: A amamentação é uma prática importante e considerada como fator de proteção para os transtornos alimentares. O momento de introdução de outros alimentos durante a infância também tem sido considerado um aspecto importante na atenção à criança, até por suas possíveis consequências sobre a saúde ao longo de toda a vida. **Objetivo:** Verificar a percepção materna sobre amamentação e os fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar. **Metodologia:** Estudo de natureza descritiva do tipo transversal de caráter quantitativo. Realizado em 4 Unidades Básicas de Saúde no município de Currais Novos-RN. Um questionário foi aplicado às mães que acompanham seus filhos na consulta de Crescimento e Desenvolvimento (CD). **Resultados:** A maioria das mães afirmou receber orientações de amamentação no pré-natal e na lactação (89,9%), entretanto, quando questionadas em relação idade preconizada pelo Ministério da Saúde em manter o aleitamento materno exclusivo 21,2% dessas mães orientadas não souberam responder corretamente. Percebeu-se que 96% das mães consideram a amamentação uma prática importante. A introdução precoce da alimentação complementar se fez presente em algumas crianças e o alimento mais citado pelas mães foi o mingau com leite (48,5%). **Discussão:** As mães são orientadas, porém não dão continuidade à amamentação por diversos motivos, entre eles os mitos em relação ao leite, trabalho, nova gravidez. **Conclusão:** Espera-se que com os resultados aqui apresentados possam servir de norteadores na construção de uma conscientização mais efetiva e humanizada das mães, e que os profissionais de saúde repassem essas informações à população de forma mais eficaz.

Palavras-chave: Mães; amamentação; alimentação complementar; introdução alimentar.

ABSTRACT:

Introduction: Breastfeeding is an important practice and considered as a protective factor for eating disorders. The timing of introducing other foods during childhood has also been considered an important aspect of child care, even for its possible consequences on health throughout life. **Objective:** To verify the maternal perception about breastfeeding and the factors associated with the early introduction of complementary feeding. **Methodology:** This is a descriptive nature of the quantitative character. Made in 4 Basic Health Units in the municipality of Currais Novos-RN. A questionnaire was applied to the mothers who accompanied their children in the consultation on Growth and Development (CD). **Results:** Most mothers reported receiving breastfeeding guidelines in prenatal and lactation (89.9%), however, when questioned in relation to age recommended by the Ministry of Health to maintain exclusive breastfeeding 21.2% of these mothers oriented they did not know how to answer correctly. It was found that 96% of mothers considered breastfeeding to be an important practice. The early introduction of complementary

feeding was present in some children and the food most cited by the mothers was porridge with milk (48.5%). Discussion: Mothers are oriented, but do not continue breastfeeding for several reasons, among them the myths regarding milk, work, new pregnancy. Conclusion: It is hoped that with the results presented here, they could serve as guides in building a more effective and humanized awareness of mothers, and that health professionals pass this information on to the population more effectively.

Keywords: Mothers; breast-feeding; complementary feeding; introduction.

RESUMEN:

Introducción: La lactancia materna es una práctica importante y se considera un factor de protección para los trastornos alimentarios. El momento de introducción de otros alimentos durante la infancia también ha sido considerado un aspecto importante en la atención al niño, incluso por sus posibles consecuencias sobre la salud a lo largo de toda la vida. **Objetivo:** Verificar la percepción materna sobre la lactancia materna y los factores asociados a la introducción precoz de la alimentación complementaria. **Metodología:** Estudio de naturaleza descriptiva del tipo transversal de carácter cuantitativo. Realizado en 4 Unidades Básicas de Salud en el municipio de Corrales Novos-RN. Un cuestionario fue aplicado a las madres que acompañan a sus hijos en la consulta de Crecimiento y Desarrollo (CD). **Resultados:** La mayoría de las madres afirmó recibir orientaciones de lactancia materna en el prenatal y la lactancia (89,9%), sin embargo, cuando se les preguntó en relación edad preconizada por el Ministerio de Salud en mantener la lactancia materna exclusiva 21,2% de esas madres orientadas no supieron responder correctamente. Se percibió que el 96% de las madres consideran la lactancia materna una práctica importante. La introducción precoz de la alimentación complementaria se hizo presente en algunos niños y el alimento más citado por las madres fue el cebo con leche (48,5%). **Discusión:** Las madres son orientadas, pero no dan continuidad a la lactancia por diversos motivos, entre ellos los mitos en relación a la leche, trabajo, nuevo embarazo. **Conclusión:** Se espera que con los resultados aquí presentados puedan servir de orientadores en la construcción de una concientización más efectiva y humanizada de las madres, y que los profesionales de salud repasen esa información a la población de forma más eficaz.

Palabras clave: Madres; lactancia; alimentación complementaria; introducción de alimentos.

¹Nutricionista, Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica, vinculada à Escola Multicampi de Ciências Médicas - UFRN; pesquisadora responsável.

²Prof^a. Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CAMPUS CENTRAL/UFRN.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA.....	9
RESULTADOS.....	10
DISCUSSÃO	14
CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

INTRODUÇÃO

O Aleitamento Materno Exclusivo (AME) é aquele no qual a criança recebe apenas leite materno ou leite humano de outra fonte, sem líquidos, sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos (BRASIL, 2015). Estima-se que mundialmente apenas 37% das crianças menores de seis meses são amamentadas exclusivamente, realidade ainda longe de atingir a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), que estabelece meta de prevalência de AME para 2025 de 50% (OMS, 2012).

Alimentação complementar (AC) é qualquer alimento oferecido à criança amamentada que não seja o leite materno, introduzida na infância é de extrema importância, pois não influencia apenas o estado nutricional atual da criança, como constitui seus hábitos alimentares, que serão estabelecidos e continuarão na adolescência e na fase adulta (BRASIL, 2009).

Nos primeiros anos de vida é fundamental que a criança possua uma nutrição adequada, pois a mesma pode impactar profundamente no desenvolvimento e na programação metabólica e assim refletir na saúde em sua vida adulta. O aleitamento materno (AM) é uma das primeiras experiências nutricionais do recém-nascido, e de extrema importância, pois o mesmo tem mostrado muitos benefícios na redução de alguns parâmetros da síndrome metabólica, como dislipidemias, diabetes mellitus e hipertensão arterial sistêmica além de efeito protetor contra doenças cardiovasculares (MOZETIC, SILVA, GANEN, 2016). A partir do 6º mês de vida é essencial à introdução de novos alimentos para complementar as necessidades nutricionais e a adoção de estilo de vida saudável, principalmente neste período, pois os mesmos poderão determinar sua condição de saúde futura e até mesmo de seus descendentes (MOZETIC, SILVA, GANEN, 2016). Entretanto, com uma introdução precoce de alimentos complementares, alguns problemas podem aparecer, tais como, deficiências de macro e micronutrientes, devido a problemas de biodisponibilidade em certos alimentos, podendo não atingir os requerimentos nutricionais desta faixa etária (TURCK, 2005).

No Brasil, a II Pesquisa Nacional de Prevalência de Aleitamento Materno (PPAM), feita em 2008, constatou que 41% das crianças menores de seis meses estavam em amamentação exclusiva. A região Norte foi a que apresentou maior prevalência do

AME (45,9%), seguida da Centro-Oeste (45,0%), Sul (43,9%) e Sudeste (39,4%), com a região Nordeste apresentando a pior situação (37,0%) (BRASIL, 2009).

Diante desse quadro no Brasil, em 2010, o Ministério da Saúde lançou a Estratégia Nacional para a Alimentação Complementar Saudável (Enpacs), que foi incorporada à Estratégia Rede Amamenta e Alimenta Brasil, em 2012, como forma de orientar e capacitar profissionais de saúde, visando o fortalecimento das ações voltadas ao incentivo e promoção da introdução da alimentação complementar adequada e oportuna de crianças menores de 24 meses na Rede de Atenção Básica de Saúde, e consequentemente, na formação de hábitos alimentares desde o início da vida do ser humano (BRASIL, 2010).

Análises globais avaliadas por Victora et al (2016), mostram que mais de 80% dos recém-nascidos recebem leite materno em quase todos os países. Entretanto, apenas aproximadamente metade inicia a amamentação na primeira hora de vida. Na maioria dos países do mundo, as taxas de amamentação exclusiva são bastante inferiores a 50%, e a correlação com a duração da amamentação é somente moderada. Nos países mais pobres, a iniciação tardia e baixas taxas de amamentação exclusiva são os principais desafios. Nos países de média e alta renda, a curta duração da amamentação é um desafio adicional.

As práticas de alimentação de lactentes são influenciadas pelo ambiente familiar, por informações fornecidas pelos profissionais de saúde, assim como pela mídia, através da veiculação de propagandas de fabricantes de alimentos (MONTE; GIUGLIANI, 2004). Cabe assim ao profissional a responsabilidade de traduzir os conceitos sobre alimentação complementar de forma prática à comunidade que assiste, lembrando que os familiares e demais cuidadores da criança passam a interagir mais com o lactente em contribuição à sua adequada nutrição (SBP, 2012; BRASIL, 2010). O sucesso final depende da definição de políticas governamentais adequadas e da participação e apoio da sociedade civil.

No município de Currais Novos a amamentação para muitas mães não é a alimentação base dos bebês durante os primeiros seis meses de vida, um número significativo de mãe inicia a AC precocemente e erroneamente. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo verificar a percepção materna sobre a importância da amamentação e os fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar.

METODOLOGIA

Estudo de natureza descritiva do tipo transversal de caráter quantitativo. Foi desenvolvido em 4 Unidades Básicas de Saúde (UBS) da zona urbana do município de Currais Novos-RN, que contém a equipe de Residência Multiprofissional na Atenção Básica. Este município está localizado na microrregião do Seridó oriental, sendo o mais populoso, importante e influente município desta região. De acordo com a estimativa realizada pelo IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*) no ano de 2015 sua população era estimada em 44. 887 habitantes, sendo assim o maior município da microrregião, o segundo da mesorregião e o nono mais populoso de todo o estado.

Atualmente existem um total de 17 UBS na cidade, 14 da zona urbana e 3 da zona rural. No momento, apenas 4 são contempladas com a Residência Multiprofissional, contando com enfermeiro, dentista, nutricionista, fisioterapeuta, farmacêutico, fonoaudiólogo, psicólogo, médico veterinário, assistente social e profissional de educação física.

A população que foi composta por mães cujos bebês apresentaram idade entre 0 a 24 meses de vida; que compareceram a UBS para acompanhamento de seus filhos na consulta de Crescimento e Desenvolvimento (CD); moradoras de Currais novos; que aceitasse participar da pesquisa e assinasse o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídos do estudo mães que não apresentarem disposição de tempo para participar da pesquisa; as que não comparecerem na UBS para acompanhamento da criança no CD; que apresentaram algum problema de saúde que impediam informação fidedigna e mães de crianças que apresentaram algum problema de saúde (síndromes ou malformações) que naturalmente dificulta a prática da amamentação.

A coleta de dados ocorreu na UBS, no dia da consulta de CD. Para coletar os dados, foram utilizados formulários estruturados, adaptados e elaborados pela pesquisadora a partir do questionário de consumo alimentar desenvolvido pelo SISVAN.

Os formulários abordavam informações socioeconômicas, alimentares, percepção quanto ao aleitamento materno, satisfação quanto ao apoio para amamentar, importância da amamentação, fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar, orientações recebidas por profissionais de saúde.

Para a análise estatística, utilizou-se o pacote estatístico SPSS, versão 20.0 para Windows® (StatisticalPackage for the Social Sciences). Os dados foram organizados em tabelas e analisados com base em frequências absolutas e percentuais. Após tabulados, os dados foram interpretados de acordo com a literatura vigente. Para realização do estudo foram seguidos todos os princípios éticos contidos na Resolução 466/12 que rege pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL). O projeto Base foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e aprovado sob o número 049767/2018/CEP/UFRN/FACISA e CAAE 89527818.0.0000.5568.

RESULTADOS

Foram avaliadas 99 crianças e suas características estão descritas na Tabela 1. A maioria da amostra era do sexo masculino (54,5%) com idade prevalente de 0 a 6 meses de vida (43,4%). Do total de mães entrevistadas a maioria apresentaram idade igual ou maior que 20 anos (96,9%), escolaridade maior que 8 anos de estudo (79,8%), eram casadas (39,9%) e estavam desempregadas (71%). Quanto à quantidade de filhos a maioria eram múltíparas (54,5%) e apresentaram renda igual ou inferior a um salário mínimo (48,5%).

Tabela 1 – Caracterização dos participantes, Currais Novos-RN, 2018.

Variáveis	N	%
Sexo da Criança		
Masculino	54	54,5
Feminino	45	45,5
Idade da criança (meses)		
0 - 6	43	43,4
7 - 11	21	21,2
12 - 24	35	35,4

Fonte: Pesquisa realizada em Currais Novos (RN), 2018.

Continuação**Tabela 1** - Caracterização dos participantes, Currais Novos - RN, 2018.

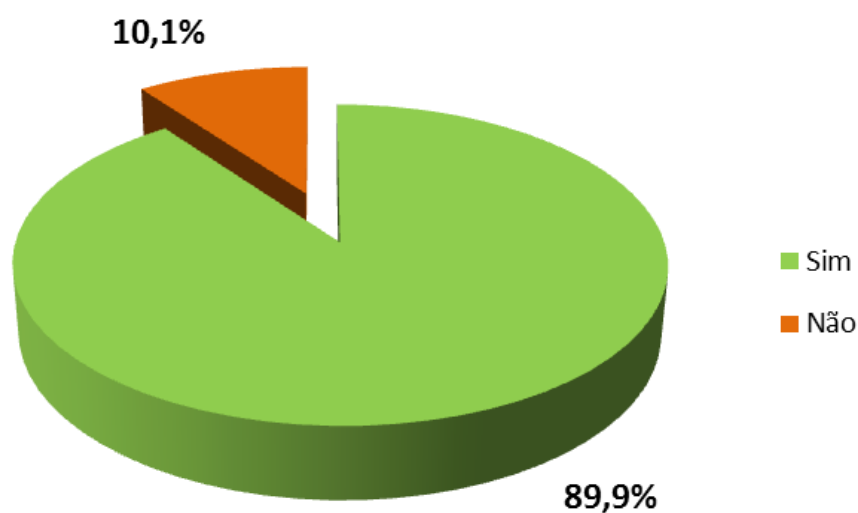
Variáveis	N	%
Idade materna (anos)		
<20	3	3,1
≥20	96	96,9
Escolaridade (anos)		
<8	20	20,2
≥8	79	79,8
Estado Civil		
Casada	39	39,3
União estável	35	35,4
Solteira	25	25,3
Ocupação materna		
Não trabalha fora	71	71,7
Trabalha fora	29	29,3
Quantidade de filhos		
Primípara	45	45,5
Múltipara	54	54,5
Renda familiar (em salários mínimos)		
≤1	48	48,5
>1	27	27,3
Não sabe	24	24,2

Fonte: Pesquisa realizada em Currais Novos (RN), 2018.

Observa-se no Gráfico 1 que 89,9% das mães foram orientadas em relação ao AM durante o período do pré-natal e lactação e 10,1% não foram orientadas. Dessas mães orientadas 21,2% não souberam responder até que idade é preconizada pelo Ministério da Saúde manter o bebê em AME e 2,0% das mães não orientadas também não souberam responder a essa questão. Essas orientações foram passadas por profissionais de saúde

dentre eles os principais o enfermeiro e médico (57%), outra parte por meio da equipe multiprofissional da UBS (34%) e aqueles que não receberam nenhum tipo de informação (9%).

Gráfico 1 – Percentual de mães que receberam informação sobre o AME no pré-natal e na lactação.



Fonte: Pesquisa realizada em Currais Novos (RN), 2018.

Os resultados mostraram que 61,6% das mães entrevistadas ainda estão amamentando, mas 38,4% apresentam motivos pelos quais deixaram de amamentar. Entre eles, a quantidade do leite e dificuldade na amamentação (18,2%), essas dificuldades estão relacionadas às fissuras no mamilo e dificuldade na pega; algumas mães relataram também que o leite era “pouco e fraco” o que facilitou a introdução precoce da alimentação complementar; a rejeição do bebê após o uso da mamadeira (10,1%); trabalho ou nova gravidez (7,1%); e as orientações médicas e/ou uso de medicamentos (3%).

Em relação ao grau de conhecimento das mães sobre a importância da amamentação foi observado que 96% das mães relataram que a amamentação é uma prática importante, pois evita doenças, mas 4% das mães relataram como sendo uma prática sem importância, pois acreditam que o leite é fraco e pouco e não é suficiente para evitar doenças.

Verificou-se que 48,5% das crianças menores de seis meses receberam mingau com leite ou leite com farinha; 37,4% receberam fruta/vegetal; 21,2% receberam tanto papa salgada/comida de panela como para carne/frango/peixe; 12,1% receberam mel/açúcar/rapadura como mostra na Tabela 2.

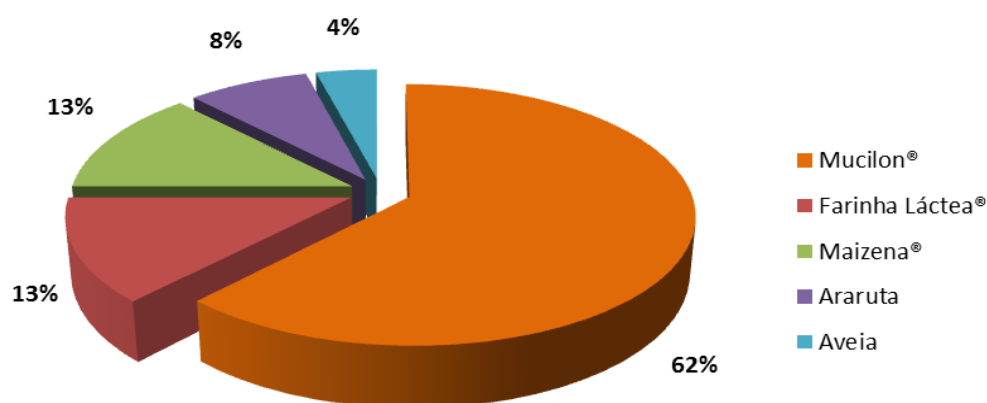
Tabela 2 – Variáveis referentes ao consumo de alimentos antes dos seis meses de idade.

Alimento	A criança consumiu antes dos 6 meses de idade	
	SIM	NÃO
	(%)	(%)
Mingau com leite/ leite com farináceos	48,5	51,5
Fruta /vegetal	37,4	62,6
Papa salgada/comida de panela	21,2	78,8
Carne/frango/peixe	21,2	78,8
Açúcar/rapadura/mel	12,1	87,9

Fonte: Pesquisa realizada em Currais Novos (RN), 2018.

O gráfico 2 mostra os tipos de farináceos ofertados pelas mães às crianças menores que seis meses de idade. O mais utilizado foi o Mucilon® (62%), mas ainda faziam uso de Farinha Láctea® (13%), Maizena® (13%), Araruta (8%) e Aveia (4%).

Gráfico 2 – Tipos de farináceos ofertados a crianças menores que seis meses de idade.



Fonte: Pesquisa realizada em Currais Novos (RN), 2018.

Foi observado que existem mães que nunca receberam nenhum tipo de informação referente à AC (34%). No entanto, 66% das mães receberam algum tipo de informação por meio dos profissionais de saúde, entre eles o enfermeiro (38%), e o nutricionista, dentista, médico e ACS (28%).

DISCUSSÃO

Neste estudo foi possível identificar que a maior parte das mães (89,9%) receberam orientações em relação ao AME durante o pré-natal e a lactação (Gráfico 1). Esses dados corroboram com um estudo realizado em São Luiz- MA sobre a caracterização da AM, que obteve como resultados que mais da metade das mães (68,9%) receberam orientações sobre o AM nas consultas de pré-natal (RIETH, COIMBRA, 2016). Durante o pré-natal é possível discutir pontos importantes no cuidado infantil, fornecer informações e preparar a futura nutriz para que se sinta mais apta e confiante para a prática da amamentação, para que isso seja possível é recomendado pelo Ministério da Saúde (MS) o mínimo de seis consultas durante a gestação (SCHINCAGLIA et al, 2015).

Embora as mães entrevistadas tivessem sido orientadas, o estudo constatou que 21,2% dessas mães que receberam as orientações não souberam responder a idade preconizada pelo MS para manter o AME, e maior parte 68,7% respondeu corretamente. A Organização Mundial de Saúde preconiza que o AME seja mantido até os seis meses de idade (OMS, 2004), pois até essa idade o leite materno é capaz de suprir todas as necessidades nutricionais. No entanto, a partir desse período, torna-se necessário incluir alimentos adequados para atender às necessidades nutricionais, e para prevenir o aparecimento de doenças, incluindo desnutrição e sobrepeso, auxiliar no aspecto psicológico, motor, cognitivo e possibilitar a aquisição de forma progressiva dos hábitos alimentares da família, assim como reduzir a morbimortalidade infantil (MONTE; GIUGLIANI, 2004; BRASIL, 2010).

Em relação aos profissionais de saúde responsáveis em passar informações sobre AM para as mães, percebeu-se que os principais envolvidos foram o enfermeiro e médico (57%). Sabe-se que esses são os profissionais que acompanham durante todo período de gestação as mulheres tanto nas consultas de pré-natal, quanto no período de lactação. No entanto, percebe-se também que outros profissionais de saúde participaram das

orientações referentes aos benefícios do AM, isso é explicado pelo fato do estudo ter sido realizado em UBSs que contemplam com uma equipe de residentes multiprofissionais. Dentre os profissionais envolvidos foram a nutricionista, fonoaudiólogo, dentista, fisioterapeuta e assistente social. A residência multiprofissional busca promover transformações dos serviços de saúde onde estiver inserida instigando a crítica sobre a prática interdisciplinar e as possibilidades e limites de transformação da realidade (NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2010).

Em relação a amamentação notou-se que 38,4% das mães deixaram essa prática por muitos motivos, entre eles os principais foram: quantidade do leite e dificuldade na amamentação (18,2%) e rejeição do bebê após o uso da mamadeira ou chupeta (10,1%). Em estudo realizado com intuito de identificar os fatores associados à interrupção do AME em lactentes com 30 dias de nascido, as mães entrevistadas (44,7%) referiram possuir alguma dificuldade na amamentação, sendo a fissura mamilar a mais citada. Outra prática identificada como fator interferente na amamentação é a utilização de bico/chupeta, porém nesse estudo não foi um determinante na interrupção do AME até os 30 dias de vida dos lactentes (MORAES, et al, 2016). Questões culturais envolvendo mitos e crenças que permeiam a amamentação estão envolvidos na introdução precoce de outros alimentos. É comum ainda nos dias de hoje as mães relatarem expressões como “leite fraco”, “pouco leite” ou “lactente não quis pegar o peito”, isso evidenciam a insegurança da mãe frente ao processo de amamentação e podem ser determinantes para a introdução precoce de outros alimentos, bem como a oferta de bico/chupeta e mamadeira. Os traumas mamilares dificultam o processo de amamentação, o que pode levar a mãe a ofertar o complemento lácteo ao lactente, e dessa forma poderá prejudicar a produção do leite. Caso esse leite artificial seja ofertado por mamadeira, pode ocasionar desinteresse em mamar, gerado pela confusão de bicos, ou até mesmo por estarem saciados (MORAES et al, 2016).

Desta forma, investigar os fatores associados à interrupção do AME contribui para a reflexão dos profissionais de saúde sobre suas práticas voltadas ao aleitamento materno e para a implementação de estratégias de incentivo à manutenção da amamentação exclusiva (MORAES et al, 2016).

O ‘Guia alimentar para crianças menores de dois anos’, publicado pela OPAS e Ministério da Saúde, recomenda que os alimentos complementares (carnes, tubérculos,

cereais, leguminosas, frutas e legumes) sejam ofertados após os seis meses de idade, porque é nesse período que as crianças já possuem maturidade fisiológica para mastigar, deglutir e digerir. A introdução precoce da alimentação complementar contribui para uma redução significativa da absorção de ferro, presente no leite materno, o que pode levar à anemia (BRASIL, 2002).

Em relação à introdução precoce da AC, verificou-se o consumo de alimentos por crianças menores que 6 meses de idade. Entre os principais alimentos consumidos, os mais citados foram o leite com mingau ou leite com farinha (48,5%) e frutas/verduras (37,4%). Em um estudo realizado no município de Juiz de Fora - MG, com mães que frequentam o Departamento de Atendimento a Crianças e Adolescentes, mostrou que as mães das crianças menores de seis meses relataram ter dado aos seus filhos suco de frutas (14,1%), fruta (9,9%) e mingau (12,7%), caracterizando a introdução precoce da AC (SOUZA, MENDES, BINOTI, 2015). As crianças menores de um ano de vida apresentam necessidades elevadas de ferro em relação às demais fases da vida. No entanto, a introdução do leite de vaca pode contribuir para aumentar a prevalência de anemia entre as crianças, pois o mesmo é pobre em ferro e apresenta uma elevada quantidade de proteínas e minerais que impedem a absorção do ferro (OLIVEIRA, OSÓRIO, 2005). O consumo precoce de alimentos complementares ocasiona prejuízos à saúde do bebê, sendo os mais comuns a nutrição inadequada e infecções causadas por contaminantes presentes em alimentos mal higienizados e/ou mal acondicionados, além dos riscos de desenvolver as alergias em função da maturidade fisiológica e com isso gera maiores gastos financeiros para a família (SCHINCAGLIA et al, 2015).

Observou-se uma substituição de farináceos por meio das mães, pois antigamente no município de Currais Novos a população tinha o hábito de fazer o uso de araruta para complementar a amamentação. Através do estudo verificou-se o uso de outros tipos de farináceos pelas mães, entre eles o mais citado o Mucilon® (62%), a fim de complementar ou substituir a amamentação. A introdução de alimentos considerados marcadores de uma alimentação não saudável sinaliza a introdução inadequada da alimentação complementar aos lactentes, bem como a adoção do comportamento de risco para o aparecimento da deficiência de ferro, do desenvolvimento do excesso de peso, obesidade, dislipidemias e alteração da pressão arterial (BRASIL, 2015). Sabe-se que o consumo alimentar na infância está intimamente associado ao perfil de saúde e nutrição, principalmente, entre as crianças menores de dois anos de idade. Ou seja, a prática alimentar inadequada nos

dois primeiros anos de vida, sobretudo entre as populações mais vulneráveis, está intimamente associada ao aumento da morbidade, representada pelas doenças infecciosas, pela desnutrição e por carências específicas de micronutrientes, particularmente de ferro, zinco e vitamina A (MARINHO et al, 2016).

Os principais profissionais de saúde que passam as informações em relação a AC são os enfermeiros (38%), porém existe uma equipe multiprofissional nessas UBSs que também participa desse processo. É de responsabilidade dos profissionais de saúde promover ações que venham orientar as mães e a população a respeito da AC, pois através do conhecimento correto os familiares e demais cuidadores poderão contribuir de forma adequada com a nutrição da criança (SBP, 2012; BRASIL, 2010).

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitem concluir que as mães estão recebendo orientações em relação à amamentação nas consultas de pré-natal e na lactação, e que as mesmas consideram importante essa prática. No entanto, essas informações não estão sendo suficientes para convencê-las em relação à oferta de certos alimentos complementares adicionados durante o período do AME, entre eles o que obteve mais destaque foi o mingau com leite/ leite com farináceos. Segundo relatos de moradores e profissionais de saúde do município, antigamente as mães tinham um hábito de adicionar araruta como substituto ou complemento da amamentação, mas por meio de orientações recebidas pelos profissionais de saúde essa prática estava sendo abandonada pelas mães. No entanto, essas mães passaram a incluir outros tipos de farináceos durante o AME, o que isso pode afetar diretamente o sucesso do mesmo e resultar em impactos negativos à saúde a curto e longo prazos, com maior risco de anemias, excesso de peso, obesidade, carências de micronutrientes, entre outros.

Diante desse cenário, cabe aos profissionais de saúde promover o aconselhamento mais efetivo das famílias para a alimentação no primeiro ano de vida, reforçando a superioridade do leite materno e desencorajando a introdução de outros leites bem como a inclusão correta da alimentação complementar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Política de Saúde; Organização Panamericana da Saúde. **Guia alimentar para crianças menores de dois anos**. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 107). Disponível em: <<http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/guiaio.pdf>>. Acesso 15 de Janeiro de 2019.

_____. Ministério da Saúde. Vigilância alimentar e nutricional. In: Brasil. Ministério da Saúde. SISVAN: Orientações básicas para coleta, o processamento, a análise de dados e a informação em serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

_____. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf>. Acesso em 15 de Novembro de 2018.

_____. Ministério da Saúde (MS). ENPACS: Estratégia Nacional Para Alimentação Complementar Saudável: **Caderno Do Tutor**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/estrategia.pdf>>. Acesso em 10 de Novembro de 2018.

_____. Ministério da Saúde (CNS-MS). **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos** - Resolução 466, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

_____. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf>. Acesso em 19 de Outubro de 2018.

MARINHO, L. M. F. et al. Situação da alimentação complementar de crianças entre 6 e 24 meses assistidas na Rede de Atenção Básica de Saúde de Macaé, RJ, Brasil. **Revista de Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 3, p. 977-986, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n3/1413-8123-csc-21-03-0977.pdf>> Acesso em: 17 de Janeiro 2018.

MONTE, C. M.; GIUGLIANI, E. R. Recomendações para a alimentação complementar da criança em aleitamento materno. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. 131-141, 2004. Suplemento. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n5s0/v80n5s0a04>>. Acesso em 10 de novembro 2018.

MORAES, A. B. et al. Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentes com até 30 dias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37, n. esp, 2016.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngen/v37nspe/0102-6933-rngen-1983-14472016esp2016-0044.pdf>>. Acesso em 17 de Janeiro de 2018.

MOZETIC, R. M.; SILVA, S. B. C.; GANEN, A. P. A importância da nutrição nos primeiros mil dias. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 8, n. 2, p. 876-884, 2016. Disponível em: <https://www.acervosaude.com.br/doc/11_2016.pdf>. Acesso em 19 de Outubro de 2018.

NASCIMENTO, D. D. C., OLIVEIRA, M. A. C. Competências profissionais e o processo de formação na residência multiprofissional em Saúde da Família. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 4, p. 814-827, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/09.pdf>> . Acesso em: 17 de Janeiro de 2019.

OLIVEIRA, M. A. A., OSÓRIO, M. M. Consumo de leite de vaca e anemia ferropriva na infância. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 361-362, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5/v81n5a04.pdf>> Acesso em 17 de Janeiro de 2018.

RIETH, N. F. A.; COIMBRA, L. C. Caracterização do aleitamento materno em São Luiz, Maranhão. **Revista Pesquisa em Saúde**, v. 17, n. 1, p. 7-12, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/viewFile/5487/3360>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). **Manual de orientação para a alimentação do lactente, do pré-escolar, do escolar, do adolescente e na escola**. 3a ed. Rio de Janeiro: SBP; 2012. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/pdfs/14617a-PDManualNutrologia-Alimentacao.pdf>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

SOUZA, J. B. P. G.; MENDES, L. L.; BINOTI, M. L. Perfil do aleitamento materno e da alimentação complementar em crianças menores de dois anos atendidas em um centro de referência da cidade de Juiz de Fora-MG. **Revista de Atenção Primária a Saúde**, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2016. Disponível em: <<http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/15580/8170>>. Acesso em 16 de novembro de 2018.

SCHINCAGLIA, R. M et al. Práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses na região noroeste de Goiânia. **Revista de Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 3, p. 465-547, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n3/2237-9622-ress-24-03-00465.pdf>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

TURCK, D. Allaitment Maternel: Lês Bénéfices Pour La Santé de L'enfant et Samère. **Arch Pédiatrie**, v. 12, p. S145-S165, 2005. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0929693X05005518?via%3Dihub>> . Acesso em 13 de janeiro de 2019.

VICTORA, C. G. et al. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. **Epidemiologia Serviço de Saúde**, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>>. Acesso em 19 de Janeiro de 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sixty-fifth World Health Assembly. Resolutions and decisions.** Geneva: WHO, 2012.